

LITERATURA E ENSINO: PERSPECTIVAS PARA LEITURA

Luciano Dias de Sousa

poesiaeci@gmail.com

Maria Clara Pereira Guimarães

mariaclarinha13@hotmail.com

Lucas Borcard Cancela

RESUMO

O presente estudo traz questões relativas ao tema literatura e ensino na escola, partindo de reflexões acerca do docente e propostas teórico-metodológicas voltadas para ampliação da leitura. Dessa forma, a ideia é discutir algumas perspectivas metodológicas do ensino de literatura, observando posicionamentos do professor e relação entre o aluno-leitor e o texto. Para fundamentar as discussões, buscamos como referência estudos de especialistas que reforçam a preocupação com o ensino de literatura e compartilham formas de pensar e conceber o ensino literário e a criação de leitores. A leitura e a escrita sempre foram importantes para o ser humano, mas, hoje se tornou quase um meio de sobrevivência, pois nessa era da comunicação e da informatização, fica difícil uma pessoa viver bem sem saber ler e escrever. Partindo dessa realidade, o professor, a escola e a família devem ter em mente de que a leitura deve ser tratada com muita seriedade, mas, ao mesmo tempo de uma forma prazerosa.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Leitor.

1. Considerações iniciais

A literatura tem acompanhado o ser humano, fornecendo mais do que ficção e poesia, mas oferecendo palavras necessárias para enfrentar os obstáculos da vida. Além disso, como uma modalidade privilegiada de comunicação, possibilita a instauração do diálogo entre textos e leitores de todas as épocas. Essa permanência, por si só, legitima a escolarização da literatura.

O poder da palavra ou da literatura se institui justamente por ser produtora de conhecimento. Constitui, pela beleza, uma geografia espiritual de encantamento enquanto vai preservando, no homem, valores de cultura – seu lado humanizado. Longe de se opor ao conhecimento científico, ela será sempre indispensável complemento. A literatura é um modo de conhecimento e de ação diferente da ciência à qual não pode nem poderá identificar, ela responde

a necessidades sociais e individuais, além de ter uma função necessária, revolucionária na medida em que responde a necessidades de conhecimento e de transformação do mundo. (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 15)

Ler, analisar, interpretar, compreender e julgar um texto literário, pode fazer sentido para as sociedades letradas, mas talvez nenhum deles seja tão importante para o ser humano quanto a capacidade que a Literatura tem de conferir ao homem uma experiência em que emerge como representação simbólica de sua própria vivência. Além de todas essas questões, a leitura e a escrita são primordiais para o acesso a diversos setores da sociedade.

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e sociedade. Para se ter uma ideia da dificuldade de compreender bem basta considerar que em menos da metade dos casos as pessoas se saem a contento nos testes realizados em aula ou em concursos, o que se repete em muitas situações da vida diária. (MARCUSCHI, 2008, p. 230)

Lidar com a literatura é, portanto, uma maneira de compreender melhor e mais a fundo a nossa percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização de nossa apreensão da realidade; de desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; de despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade; de alicerçar nossa conduta ética.

Para Luciana Marinho Fernandes da Silva (2005) a concepção de obra literária como um espaço em que convergem as leituras do social, do cultural, do histórico deixa-a aberta para ser objeto do olhar das várias áreas do conhecimento interessadas na relação entre as produções discursivas e a sociedade na qual estas são inventadas.

Essa perspectiva nos permite ressaltar que, muito embora, é sempre lembrado por campanhas e discursos sobre a importância de ler, a literatura, ocupa o campo renegado das disciplinas escolares, e um posicionamento equivocado de professores e escolas em torno do ensino voltado para leitura. Logo, surge o questionamento: Como desenvolver uma proposta de ensino onde a literatura possa contribuir para a capacidade de leitura dos alunos? Como atrair a atenção do aluno para ela, em uma so-

cidade em que os artifícios tecnológicos desviam para outras perspectivas, cada vez mais rápido e mal utilizado, nos traz pronto o que deveria ser descoberto e construído pelo leitor?

O objetivo é discutir a importância da configuração de textos literários para o processo de formação de leitores, assim como, a importância da escola e dos professores para o aprimoramento da capacidade de leitura dos alunos.

Ao contrário do que se pode imaginar, a atividade literária pressupõe certo pragmatismo, marcado por uma funcionalidade pedagógica, não exatamente de natureza impessoal, mecanicista e mercadológica, mas, atuando como suporte da própria educação. Mas, isso tudo só é possível se partirmos, da compreensão do sentido da literatura, da relação entre autor e leitor, elemento propulsor do próprio processo criativo, sem o qual se torna impossível pensar literatura.

2. O ensino de literatura: problemas

Os problemas sobre a formação do leitor são inúmeros e têm piorado nos últimos anos. A falta de investimento em políticas públicas e educacionais revela-se como um impasse de difícil superação, do qual se desdobram os problemas do ensino da literatura. Também é possível discutir sobre a formação inicial e continuada docente, que pouco avançou nos últimos anos no que diz respeito à formação dos leitores literários.

Se a educação literária se constrói ao lado da formação de leitores de modo geral, uma vez que não há como acessar ao universo da palavra, fica difícil pensar sobre o universo da leitura. Refletir sobre hábitos leitores no Brasil pode ser um interessante ponto de partida para pensar as relações entre literatura e ensino.

Para Leyla Perrone-Moisés (2016) nosso ensino simplifica e racionaliza os currículos e tende a considerar a literatura como disciplina supérflua. E ainda afirma:

O declínio do prestígio cultural e social da literatura, no fim do século XX, afetou seriamente seu estudo. Numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a disciplina literária sofreu rebaixamento. Os economistas veem a literatura como produto com pouco (embora não desprezível) valor mercadológico; os gerenciadores do ensino, como perfumaria sem utilidade na vida profissional futura dos ensinados. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 70)

Segundo a pesquisa feita pela fonte *Retratos da Leitura no Brasil* de 2016 aponta que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, os números revelados mostram o descaso:

Há um pouco mais de leitores no Brasil. Se em 2011 eles representavam 50% da população, em 2015 eles são 56%. Mas ainda é pouco. O índice de leitura, apesar de ligeira melhora, indica que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano – desses, 0,94 são indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria. Do total de livros lidos, 2,43 foram terminados e 2,53 lidos em partes. A média anterior era de 4 livros lidos por ano (Fonte: Retratos da Leitura no Brasil – 2016, Estadão. Disponível em:

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura>. Acesso em: 15-11-2017.

Outra pesquisa feita também revela um dado alarmante quando se pensa em infraestrutura das escolas. Constata-se que muitas delas nem possui biblioteca dentro de suas dependências. De acordo com o *site* de notícias *Gl Globo.com*, uma pesquisa feita em 2015, indica que a cada 20 escolas públicas de ensino fundamental no Brasil só uma apresenta estrutura considerada básica para educar. Um levantamento concluiu que faltam bibliotecas, laboratórios e até tratamento de esgoto. O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece sete itens de infraestrutura básica para as escolas, mas um estudo do Movimento Todos pela Educação revelou que só água tratada e energia existem em mais de 80% dos colégios. Menos da metade das escolas têm bibliotecas, acesso à internet, quadras de esporte, esgoto sanitário. E que só 8% contam com laboratórios de ciências. No Norte, menos de 1% das escolas tem todos os itens.

Em contextos, a educação parece esquecida pelos nossos políticos e a cultura, aparece entre os bens de consumo e entra como mais uma mercadoria. A literatura e o compromisso com a leitura passam a ser uma luta contra o descaso e o caminho para o indivíduo sobreviver em uma situação opressora.

Nos países industrializados mais adiantados já se tornou evidente que o conhecimento, a capacidade de processar e selecionar informações, a criatividade e a iniciativa constituem matérias-primas vitais para as economias modernas. Deslocam-se, assim, as prioridades de investimento em infraestrutura e equipamentos para a formação de competências cognitivas e sociais da população. Esse deslocamento leva a que a educação adquira centralidade nas pautas governamentais e na agenda dos debates que buscam caminhos para uma reestruturação competitiva da economia, com equidade social. (MELLO, 1991, p. 8)

A desigualdade, as constantes crises e os escândalos na economia

do Brasil só agravaram a situação que já não era boa para educação. Assistimos e vivenciamos uma decadência do setor, mesmo diante de reformas de políticas educacionais e tentativas frustradas de criar uma nova estrutura curricular.



Imagem 1: Moradores denunciam condições precárias da escola em Povoado do Camarão, Praia do Norte, Tocantins. Foto de 2013. *Jornal Folha do Bico*. Disponível em: <<http://www.folhadobico.com.br/03/2013/prai-a-norte-moradoresdenunciam-situacao-precaria-de-escola-no-povoado-camarao.php>>. Acesso em: 28-10-2017.

Os problemas da educação brasileira são tantos e tão graves que fica difícil prever seu futuro, às vezes docentes e especialistas ficam perdidos sem saber bem como agir ou como propor um plano de ação diante de tantos problemas que cercam o assunto.

As discussões dos teóricos da educação acabam chegando quase sempre às mesmas conclusões: o aluno deve construir seu aprendizado; a interdisciplinaridade é importante; o desenvolvimento das habilidades, competências, atitudes e valores são indispensáveis, com o professor devendo ser um especialista no processo de aprendizagem. Com tanta teoria, todos os envolvidos diretamente com a educação ficam perdidos.

Neste início de século XXI, em uma sociedade competitiva, supostamente globalizada em estruturas capitalistas, indagamos qual seria o futuro da educação, já que, ao que parece, o sistema educacional (particularmente no Brasil) não consegue acompanhar as transformações aparentes. Pedagogos e educadores parecem perdidos entre o que é atual e o que é necessário para o futuro. (KUPPER, [s/d.], p. 51)

No que diz respeito à metodologia, mesmo que boa parte dos professores de língua portuguesa ainda insere em sua prática docente a diversidade de textos, ao que dizem respeito às manifestações literárias, estas ficam reservadas as rápidas descrições de pequenos trechos de obras, narrativas curtas ou crônicas em livros didáticos para trabalhar os elementos linguísticos e compreensão textual. Uma das razões que possivelmente determine isso é o fato de permanecer na esfera escolar o ultrapassado modelo de tratamento do texto: leitura silenciosa, em voz alta, estudo lexical e as questões de interpretações textuais.

Durante algum tempo, atribuiu-se à dificuldade de compreensão e produção de textos a falta de domínio em relação às regras gramaticais de uso da língua; priorizou-se o ensino gramatical, mas o problema continuava existindo; adveio, a seguir, o discurso de exclusão do ensino da gramática na escola, e o problema de leitura/escrita permaneceu. (RAUPP, 2005, p. 50)

Embora a escola contemple a leitura e a produção de textos, ela não trabalha com essas práticas de maneira mais aprofundada, de modo a criar possibilidades para que seus alunos possam relacioná-las as práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, criar condições para elevar o seu grau de letramento.

Relacionando o estudo da disciplina língua portuguesa e literatura, a problemática é maior ainda, pelo fato da literatura não fazer parte do currículo ou quadro de disciplinas das escolas, vista como uma disciplina desnecessária ou apenas destinadas a uma parte pequena do tempo das aulas de língua portuguesa, de pouca utilidade prática, ou como uma atividade ligada à arte que apenas serve para o entretenimento. E ainda, que os livros são caros e “chatos”. Tendo em vista também que boa parte do professorado não tem o hábito de leitura.

Para mudar a realidade atual, é preciso pensar em práticas pedagógicas que vão direcionar novos rumos e olhares sobre o ensino de Literatura, a participação maior da comunidade na escola e, primordialmente, os avanços das políticas públicas.

3. *Literatura e ensino: incentivo à leitura*

A literatura é a arte da palavra, e deve estar presente na vida cotidiana de todos, pois, reflete sobre manifestações ficcionais que expressam os valores, a cultura e a identidade do contexto ao qual o homem pertence na sociedade.

Feita pelo homem e por ele deve ser absorvida, independente das diferenças sociais, pois a literatura é capaz de fazer pensar, promove visões sobre o mundo e sobre o indivíduo, cultiva emoções, representa verdadeiramente a identidade de um povo, enfim, pode contribuir na luta pelos direitos do homem, fomentando assim a ideia de uma sociedade mais justa e, portanto, mais humana.

Como fenômeno de linguagem, desperta a curiosidade e a imaginação, proporciona novos olhares, novas perspectivas e possibilidades de compreensão dos fatos, abrindo caminhos para mudanças. Um educador que se preocupa com a inserção da literatura na vida de seus alunos propiciará condições ao desenvolvimento humanizado da sociedade.

As manifestações literárias podem envolver adesão, transformação ou ruptura em relação à tradição linguística, à tradição retórico-estilística, A tradição técnico-literária ou a tradição temático-literária às quais necessariamente está vinculado o trabalho do escritor. A literatura se abre então, plenamente, à criatividade do artista. Em seu percurso, ele envolve a constante invenção de novos meios de expressão ou uma nova utilização dos recursos vigentes uma determinada época. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 46)

O artista literário molda a realidade de tal forma que faz o leitor pensar que está lendo a própria realidade, fazendo com que a educação vá além dos horizontes. E ser consciente de que a leitura deve fazer parte da educação de todos, pode igualmente, ser uma função exercida em conjunto, pois através da leitura podemos ter o desejo de compor um ser humano crítico e construtor de suas próprias ideias.

O ensino da literatura é um momento didático-pedagógico do ensino escolar que, por sua vez, integra o processo de formação (integral), com a finalidade de contribuir para o processo de emancipação humana. Dessa forma, incentivar a leitura, por meio da formação de professores capacitados, representa não apenas uma maneira de democratizar o saber, mas também, de utilizar esse conhecimento em benefício da sociedade como um todo.

A literatura permite ao aluno a percepção de sua humanidade e a consciência desse processo não é estanque; ao contrário, ela é uma correlação com as experiências vivenciadas. Ao utilizar a literatura como estratégia de pesquisa e trabalho, o professor contribui para uma educação mais humanizada, considerando que, por meio dessa arte da palavra, as pessoas elevam seu entendimento intelectual e sensorial, tanto de si, como do mundo em que vivem.

Uma pedagogia voltada para o incentivo e a promoção da leitura, deve, desse modo, preocupar-se também com a construção de um imaginário assentado no amplo universo composto por instituições e práticas relacionadas à leitura, universo esse que leve em conta desde o papel desempenhado pela escola e pelos professores, como também, por outros promotores do livro, como as editoras, os escritores, os veículos de comunicação e entre outros. E a sala de aula, num sentido abrangente, sem ser o único, é o espaço por excelência onde se começa a exercitar essa prática. De maneira prática, podemos destacar seguintes ações:

- * Capacitar os educadores em geral e particularmente os mediadores de leitura;
- * Valorizar socialmente o livro e auxiliar na criação de um imaginário radicado na leitura;
- * Incentivar o contato com o texto de literatura e com seus diversos agentes e promotores;
- * Formar leitores competentes e críticos e incentivar o desenvolvimento de habilidades relacionadas à escrita;
- * Fomentar o contato com os textos de literatura infanto-juvenil e seus autores;
- * Apoiar secretarias, organizações sociais, gestores educacionais e professores no trabalho de incentivo e difusão da leitura de literatura.
- * Aumentar o acervo permanente das bibliotecas escolares.

São, no fundo, ações relativamente simples, que não demandam um investimento muito alto, mas cujo resultado, no que compete ao incentivo à leitura – em especial à leitura literária –, é extremamente positivo. É preciso que o livro faça parte da vida cotidiana do aluno, assim como, as necessidades básicas como alimentar, dormir e outras.

A leitura é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto pela leitura e um compromisso com ela, o professor deve mobilizá-los internamente, pois aprender a ler também é ler para aprender, e isso requer esforço, pois é por meio da leitura que o aluno enriquece o seu vocabulário, interage com o outro através das palavras e desenvolve seu raciocínio,

aprende a se entender melhor e a se relacionar com o mundo a sua volta.

A literatura é influenciada pelos acontecimentos, pelo modo de pensar e de agir, pelos princípios filosóficos e epistemológicos que orientam as sociedades. Como modalidade de conhecimento, a literatura permite a reflexão sobre os diferentes problemas que os seres humanos vivenciam e através da experiência da leitura que o indivíduo poderá ficar mais preparado para enfrentar os desafios cotidianos.

4. Considerações finais

Logicamente, não devemos ser ingênuos ao pensar que rapidamente teremos educação de qualidade ou políticas públicas educacionais em tempos de corrupção e crise. Há, na verdade, muitos mitos e expectativas em torno da atividade docente. Mas o trabalho com a literatura em sala de aula é possível e deve ser explorada. Considerando que o texto literário se destaca, entre os outros textos diversos, por permitir maior reflexão do ser humano sobre sua própria condição, buscando respostas aos seus questionamentos, a experiência com a leitura literária acaba por ser uma das mais ricas e promissoras atividades culturais.

Trabalhar a língua portuguesa não é apenas reproduzir conhecimentos já estabelecidos, é discutir a relação do sujeito e seu estar no mundo, o aluno precisa estar inserido em um processo que o faça desenvolver seu espírito crítico. A literatura favorece essas relações através do contato com livros e sua experiência com a leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

G1GLOBO.COM. Estudo revela falta de estrutura em escolas brasileiras. *Jornal Nacional*, 20/09/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/estudo-revela-falta-de-estrutura-em-escolas-brasileiras.html>>. Acesso em: 28-10-2017.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. *Educação e literatura*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KUPPER, Agnaldo. Educação brasileira: reflexões e perspectivas. *Terra e Cultura*, ano XX, n. 39. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/39/Terra%20e%20Cultura_39-4.pdf>. Acesso em: 28-10-2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELLO, Guiomar Namó de. Políticas públicas de educação. *Estudos Avançados*, vol. 5, n. 13. São Paulo, set./dez.1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000300002>. Acesso em: 28-10-2017.

PAPAGAIÓ, Bico do. Praia Norte: Moradores denunciam situação precária de escola no povoado de Camarão. *Folha do Bico*, 20/03/2013. Disponível em: <<http://www.folhadobico.com.br/03/2013/prai-a-norte-moradores-denunciam-situacao-precaria-de-escola-no-povoado-camarao.php>>. Acesso em: 28-10-2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 2007.

RAUPP, Eliane Santos. *Ensino de língua portuguesa: uma perspectiva linguística*. *Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes*, Ponta Grossa, vol. 13, n. 2, p. 49-58, dez.2005. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/544/545>>. Acesso em: 28-10-2017.

RODRIGUES, Maria Fernanda. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. *Estadão*, 16/05/2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileir-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura>>. Acesso em: 28-10-2017.

SILVA, Luciana Marinho Fernandes da. Literatura e sociedade: da teoria do reflexo à construção discursiva de identidades sociais. *Graphos Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*, João Pessoa, vol. 7, n. 2/1, p. 141-146, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9455/5108>>. Acesso em: 15-11-2017.